



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

UMA ESTRANGEIRA DO MUNDO – MEMÓRIAS DE CLARICE LISPECTOR NA ITÁLIA

Mona Lisa Bezerra Teixeira¹ (UERN)

Resumo: De agosto de 1944 a abril de 1946, Clarice Lispector mora em Nápoles, Itália. Essa mudança do Rio de Janeiro para a Europa ocorreu para acompanhar o marido, Maury Gurgel Valente, que assumiria a posição de vice-cônsul do Brasil em suas atividades diplomáticas iniciais. Será nessa cidade que irá começar um período de dezesseis anos vivendo fora do Brasil, passando pela Suíça, Inglaterra e Estados Unidos, situação com a qual a escritora nunca se acostumou. Chegam em plena segunda guerra mundial juntamente com as tropas brasileiras, com mais de vinte e cinco mil homens integrando-se ao exército norte-americano, que já ocupava a cidade no combate às forças do Eixo. Com pouco tempo de sua chegada, Clarice recebe em outubro a notícia de que seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, tinha ganhado o prêmio Graça Aranha, um dos mais importantes do Brasil na época. Essa estadia napolitana terá implicações importantes para Clarice Lispector, que inclusive trabalha em um hospital americano cuidando dos soldados feridos nos combates e mantém contato com os amigos e correspondentes de guerra, Rubem Braga e Joel Silveira, importantes testemunhas desse conflito através de relatos e crônicas sobre a presença brasileira na Itália. Conhece figuras muito importantes do meio intelectual e artístico italiano, como Giuseppe Ungaretti, que iria traduzir trechos de *Perto do coração selvagem*, e o pintor De Chirico, que fez um de seus retratos mais conhecidos e admirados.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Literatura brasileira moderna. Itália

Em julho de 1944, Clarice Lispector deixa o Brasil rumo à Europa para acompanhar o trabalho de vice-cônsul do marido, Maury Gurgel Valente, que já estava em Nápoles, Itália, organizando as instalações do consulado brasileiro. Eles permanecem na cidade de agosto de 1944 até abril de 1946.

Em outubro de 1944, Clarice recebe o prêmio Graça Aranha, um dos mais importantes na época, pelo seu romance inaugural *Perto do coração selvagem*, que havia sido publicado no final de 1943 e provocara interesse de críticos consagrados

¹ Professora na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte pelo programa de pós doutorado nacional (PNPD/ Capes). E-mail: mona.lisabt@uol.com.br

como Álvaro Lins e Sérgio Milliet, assim como do jovem Antonio Candido, que em seu texto publicado na *Folha da Manhã*, em julho de 1944, já indicava as potencialidades da escritora estreante e sua forma inovadora de pensar a língua portuguesa, destacando sua capacidade de exploração vocabular em associação a formas inéditas de expressão para narrar a história da personagem Joana.

Apesar das dificuldades de comunicação devido às limitações provocadas pela guerra, mantém uma correspondência significativa com escritores, amigos e as irmãs. Nas cartas mostra sua preocupação com a finalização de seu segundo romance, *O lustre*, e as tentativas de publicá-lo pela José Olympio e outras editoras. Com a irmã Tania Kaufmann e o amigo Lúcio Cardoso discute possíveis limitações e equívocos na obra, a começar pelo título, criticado por ambos, mas sobre o qual ela afirma não poder ter nomeado de outra maneira.

A protagonista, Virgínia, continua o trajetória solitária de todos os personagens dos romances de Clarice, que se inicia com Joana e se encerra na dispersão existencial de Ângela Pralini. Como exceção dessa sina, teremos *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, com a conversação estilizada entre Lóri e Ulisses, que se caracteriza pela presença de clichês e por uma tentativa de clareza nos diálogos que torna a narrativa incomum ao estilo da autora.

Nesse período em Nápoles, trabalha em um hospital comandado pelos norte-americanos, ajudando nos cuidados de soldados brasileiros feridos ou doentes nos combates. Por esses préstimos recebe o reconhecimento do governo brasileiro através do tenente-coronel-médico dr. Sette Ramalho, em abril de 1945. Do mesmo modo, o tenente-coronel-médico dr. Gilberto José Fontes Peixoto lhe agradece pela dedicação aos pacientes, por meio de um ofício em agosto de 1945.

Essa experiência junto aos combatentes aparece em vários momentos nas cartas para as irmãs Tania e Elisa. No depoimento de Elza Cansanção Medeiros, primeira mulher a se alistar como voluntária da FEB, é possível saber, sobre a atuação de Clarice, que seu trabalho consistia em conversar com os soldados, ler e escrever cartas para eles e ainda organizar atividades recreativas (MOSER, 2009, p. 220).

Nas cartas para as irmãs fala sobre a cidade de Nápoles tanto pela sua beleza quanto com relação aos seus problemas, como o contrabando, o mercado negro, os assaltos e roubos, a prostituição e a dificuldade para conseguir comida fora das rações fornecidas pelo exército americano, mesmo para eles que estavam em uma condição privilegiada com relação à maioria da população.

Pretendo também visitar feridos. Ajudamos pessoalmente e em cada caso como podemos e isso não é nada. Os casos aqui são inúmeros e cada família tem o que contar. É verdade que se culpa a guerra de muita coisa que sempre existiu aqui. A prostituição, por exemplo, sempre foi aqui um grande meio de vida. Contam-nos que agora os meninos na rua oferecem as irmãs, o marido que diz que tem uma moça muito bonita e no fim sabe-se que é a mulher dele, mas todos dizem que isso é sempre. Tem aqui e que o povo napolitano é o + semvergonho do mundo. Os italianos dizem que a vergonha da Itália é Nápoles. Roubam como podem, e não sou eu quem os acusaria. (LISPECTOR, 2007, p. 69)

Um episódio interessante é relatado às irmãs sobre uma quadrinha musicada em ritmo de samba pelos soldados brasileiros, debochando do biscoito americano “nabisco” fornecido como alimentação. Com saudade do café brasileiro junto ao pão com manteiga, diziam:

De covarde podem me chamar
O fato é que já passei o Gibraltar
Este “shiipe” pode até afundar,
O que eu quero ver é o nabisco boiar
(LISPECTOR, 2007, p. 59)

Numa rua de Nápoles, acaba comprando um cachorro de uma mulher, e o chama de Dilermando, personagem que sempre aparece nas cartas para as irmãs. Em uma delas, relata um episódio ocorrido com o animal de estimação.

Nós tivemos aqui uma empregada muito burra e medrosa, uma noite voltamos tarde e encontramos o miúdo Dilermando de pé mas sem conseguir dar uma “palavra” que não fosse cortada de três bocejos: o cachorro nem tinha força de fazer festa, e bocejava tão alto que parecia uma gaveta se abrindo. A empregada estava vitoriosa, a burra, e disse: eu não deixei ele dormir para montar guarda na casa! [...] Essa empregada é que disse a moça que trabalha no Consulado que eu lhe parecia um pouco burra... (LISPECTOR, 2007, p.89)

Quando teve que se mudar para Berna, na Suíça, em 1946, Clarice não pôde levar o cachorro, devido a dificuldades para transportá-lo e acabou doando-o para uma pessoa conhecida. Esse fato a marcaria profundamente, como relata, mais de uma vez, nas cartas para as irmãs. O cachorro aparecerá anos mais tarde como um personagem da obra *A mulher que matou os peixes*, que tem forte aspecto autobiográfico:

Os vira-latas são tão inteligentes que aquele que eu vi senti logo que eu era boa para os animais e ficou no mesmo minuto todo alvoroçado abanando o rabo. Quanto a mim, foi só olhar que logo me apaixonei pela cara dele. Apesar de ser italiano, tinha cara de brasileiro e cara de quem se chama Dilermando. Paguei um dinheiro para a dona dele e levei Dilermando para casa. (LISPECTOR, 1999, p. 8)

E é possível vermos traços dessa situação no conto “O crime do professor de matemática”, em que o narrador inverte os papéis e fala sobre o fato de o animal ter sido o dono de uma pessoa tão poderosa que podia escolher, e escolheu abandoná-lo:

Às vezes, tocado pela tua acuidade, eu conseguia ver em ti a tua própria angústia. Não a angústia de ser cão que era a tua única forma possível. Mas a angústia de existir de um modo tão perfeito que se tornava uma alegria insuportável: davas então um pulo e vinhas lambe meu rosto com amor inteiramente dado e certo perigo de ódio como fosse eu quem, pela amizade, te houvesse revelado. Agora estou bem certo de que não fui eu quem teve um cão. Foste tu que tiveste uma pessoa. (LISPECTOR, 1998. p.123)

Esse período vivido na Itália será lembrado em crônicas como “O maior elogio que já recebi”, “Bichos”, “Aldeia nas montanhas”, “Corpo e alma” e “Uma italiana na Suíça”. Nelas ganham destaque as impressões sobre o povo italiano, a natureza do país e episódios particulares, como o caso de Rosa, a empregada. Na crônica “O chá”, como se figurasse ironicamente os cerimoniais da vida diplomática, imagina um encontro com as empregadas que teve, lembrando, numa espécie de síntese, as frases mais marcantes para sua memória. Entre elas, a de uma italiana:

– Pois hoje de madrugada – me diz a italiana – quando eu vinha para cá as folhas começaram a cair, e a primeira neve também. Um homem na rua me disse assim: “É a chuva de ouro e de prata.” Fingi que não ouvi porque se não tomo cuidado os homens fazem de mim o que querem. (Lispector, 1999, p. 83)

Foi também em Nápoles que se aproximou de Rubem Braga, que se tornaria um de seus grandes amigos. Ele havia saído do Brasil em setembro de 1944, como correspondente de guerra do *Diário Carioca*, acompanhando o segundo escalão da FEB. Na Itália, os soldados brasileiros ficaram subordinados ao V Exército norte-americano, na figura do general Mark Clark.

Quando o final da segunda guerra foi anunciado, em 9 de maio de 1945, Clarice estava passando uns dias em Roma, sendo pintada pelo artista De Chirico e relata o episódio:

Eu estava posando para De Chirico quando o jornalista gritou: É finita a guerra! Eu também dei um grito, o pintor parou, comentou-se a falta estranha de alegria da gente e continuou-se. Daqui a pouco eu perguntei se ele gostava de ter discípulos. Ele disse que sim e que pretendia ter quando a guerra acabasse... Eu disse: mas a guerra acabou! Em parte a frase dele vinha do hábito de se repeti-la, e em parte do fato de não ter mesmo a impressão exata de um alívio. (LISPECTOR, 2002, p. 73)

Rubem Braga publica um artigo intitulado “De Chirico” na revista *Sombra*, em setembro de 1945, que inclui a reprodução da tela de Clarice Lispector. Nesse período em Roma, ela conhece o escritor Giuseppe Ungaretti, que havia dado aulas na USP de Língua e Literatura Italiana, de 1937 a 1942. Ele e sua filha, Anna Maria, traduzem trechos escolhidos de *Perto do coração selvagem*, para que fossem publicados na revista italiana *Prosa*, mas isso não ocorreu. Segundo Nádya Battella Gotlib, Clarice recebe um capítulo intitulado “La Zia”, mas essa tradução não foi encontrada nos números da revista nos anos de 1945 e 1946:

Em uma das cartas trocadas com Clarice, datada de 29 de julho de 1945, Ungaretti escreve: Tenho estado atrás do meu caro Brasil todos estes meses: preparei transcrições de narrativas poéticas tupi, bororo e carajás, e tradução de uma longa e belíssima poesia popular nordestina: ‘O sapo do Cariri’, traduções de poesias de Anchieta, Gonzaga, Gonçalves Dias, Bandeira, Schmidt, Vinicius de Moraes e Drummond de Andrade. Acrescentei às traduções notas de todo tipo: sobre lugares, de ordem literária, etc. Tudo sairá em Poesia, e depois em uma edição de luxo ilustrada por clássicos. (GOTLIB, 2009, p. 251)

Também visita cidades que a impressionam de maneira significativa, como Roma, Pistoia e Florença. Suas vivências pessoais nesse período se transformariam, mais adiante, em mananciais para seus escritos, como é possível perceber nas suas trocas de correspondências com as irmãs, e os amigos Lúcio Cardoso e Manuel Bandeira, para citar alguns, em que muitas vezes fala sobre os problemas com relação à adaptação de suas funções como esposa de diplomata, suas dificuldades com relação à elaboração de seus escritos e sobre os escritores que lê, como Marcel Proust, Emily

Brontë e Katherine Mansfield. É através das correspondências que se informa sobre a situação política do Brasil, assim como da vida intelectual do país, como se constata nas suas cartas trocadas com Manuel Bandeira.

Mas chama atenção, em vários momentos, seu relato sobre não se adaptar à vida de formalidades da diplomacia:

Os embaixadores me respeitam.. As pessoas me acham “interessante”... Eu concordo com tudo, também, nunca discordo do que se diz, tenho muito tato e conquisto as pessoas necessárias. Como você vê, sou uma boa senhora de diplomata. (LISPECTOR, 2007, p. 94)

E, seguindo sua capacidade de dizer as coisas, sem as dizer propriamente, também comenta:

Sobre a vida de senhora de diplomata há muitas palavras a dizer, e na verdade, pela sutileza própria do assunto, inteiramente indizíveis. (LISPECTOR, 2007, p. 47)

Essa vivência que se divide entre o público e o privado seria muitas vezes transfigurada em personagens que não se adaptam a um mundo de formalidades. Nesse universo podemos destacar alguns dos protagonistas de seus romances como Joana, Martim e Virgínia e outros personagens de seus contos, que, em algum momento na história irão despertar desse engessamento social, mesmo que depois tenham que retornar a uma vivência automatizada como é possível perceber em seus contos, através das personagens Ana, do conto “Amor”, e Carla, em “A bela e a fera”. Assim como G.H., que, mesmo ao passar por uma espécie de odisséia espiritual e ter consciência de não poder mais observar a realidade como o senso comum a apreende, sabe da impossibilidade de se desvincular das amarras do convívio em sociedade.

A escritura de Clarice Lispector, estrangeira de todos os lugares, pode ser associada a uma espécie de desarticulação, que fragmenta o discurso e os sujeitos para melhor representá-los, seja com relação à estrutura de sua obra na caracterização de personagens, antes de tudo solitários e deslocados diante das pressões para ascensão social, seja com relação a narrativas de foro íntimo, como suas cartas e episódios pessoais relatados nas crônicas. Seu universo de criação acaba nos revelando uma dinâmica social, que vai muito além das impressões particulares. Como nos lembra Norbert Elias:

o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. Ele adquire sua marca individual a partir da história dessas relações, dessas dependências, e assim, num contexto mais amplo, da história de toda a rede humana em que cresce e vive. Essa história e essa rede humana estão presentes nele e são representadas por ele, quer ele esteja de fato em relação com outras pessoas ou sozinho, quer trabalhe ativamente numa grande cidade ou seja um naufrago numa ilha a mil milhas de sua sociedade. (ELIAS, 1994, p.31)

Referências

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice fotobiografia*. São Paulo: Imprensa Oficial; Edusp, 2008.

_____. *Clarice. Uma vida que se conta*. São Paulo: Edusp, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *A mulher que matou os peixes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Correspondências*. Organização: Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *Minhas queridas*. Organização: Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *Para não esquecer*. Crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MOSER, Benjamin. *Clarice*. São Paulo: Cosac Naify, 2009